

## **A Europa das Nacionalidades. Mitos de Origem: discursos modernos e pós-modernos**

### **TÍTULO: A Europa e Portugal como espaço de memória para a escritora e fotojornalista suíça Annemarie Schwarzenbach durante a II Guerra Mundial<sup>1</sup>**

**Maria de Lurdes das Neves Godinho – ESTG - Instituto Politécnico de Leiria /Faculdade de Letras - Universidade do Porto**

A questão da perda ou crise de identidade nacional ou europeia, tão premente, porquanto ligada à memória e ao nosso imaginário nacional e mítico, salientando-se, com Lévi-Strauss, o papel desempenhado pelo Mito como história colectiva de grupo, enquanto criação colectiva, tem sido alvo de proficuos estudos interculturais das Ciências Sociais e Humanas.

Aquando da II Guerra Mundial, a crise de valores da civilização europeia é particularmente sentida por inúmeros autores, que, coercivamente desenraizados devido ao exílio ou fuga ao totalitarismo nazi, se refugiam em Espaços-Outros. A vida de constante busca da sua própria identidade leva a escritora e fotojornalista suíça Annemarie Schwarzenbach (1908-1942) a um nomadismo errante através da Ásia, América e África, na busca do Outro. Viajar tornou-se, assim, para AS e a sua geração, símbolo de uma vida moderna, de mobilidade (Rohlf, 2008:85), mas não só. Esse desassossego sinaliza também um cansaço epocal e civilizacional europeu que se concretiza na „fuga da Europa“ (Perret, 1995:135, 2005:278, Heintz-Gresser, 2001:92), a qual Ueckmann explicita como „fuga da Alemanha hitleriana“, uma „fuga para diante“ (2001:128), em busca do „original/primitivo“ no deserto persa<sup>2</sup> (Heintz-Gresser, 2001:92). Assim, as descrições de viagem de Schwarzenbach enquadram-se na tradição de um certo pessimismo europeu, embora a autora nunca tenha renunciado à identidade europeia (Campanile, 2001:104), cuidando ao escrever „dos valores espirituais do

---

<sup>1</sup> Este estudo faz parte do projecto de investigação "Interidentidades" do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no quadro do "Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação do Quadro de Apoio III (POCI, 2010-SFA-18-500).

<sup>2</sup> O motivo de busca do "original", do espontâneo, na Pérsia também se encontra na obra de exílio de Thomas Mann *Joseph und seine Brüder*, publicado entre 1933 e 1945.

Mundo Ocidental“, como afirma em carta de 8.4.1933 ao seu amigo Klaus Mann (filho de Thomas Mann) (cf. AS, 1998:102).

No caso de Annemarie não se trata apenas de viagens em espaços (cidades, países, continentes), mas também, como Perret acentua (2001: 17), „viagens entre sexos“ (dada a sua homossexualidade assumida), „entre formas de expressão, entre conservadorismo e modernismo, entre sossego e desassossego, entre esperança e desespero“. Assim, relativamente às formas de expressão de AS contam-se, por um lado, os escritos de natureza estética formal como o romance, o conto, o diário, por outro lado, os escritos de natureza documental – reportagens jornalísticas, em parte com material fotográfico. Acresce ainda que, dentro de um texto, Schwarzenbach usa formas narrativas várias – frequentemente misturando elementos autobiográficos com ficcionais. Este hibridismo<sup>3</sup> dentro do texto vai contra a ideia largamente vulgarizada de que especialmente a literatura de viagens consistiria numa forma literária traduzida, para transmitir na sua própria língua o sentimento de estranhamento advindo da outra realidade. Ora, segundo Ueckmann (2001:126), „não é tanto a busca de alteridade que impele AS, mas muito mais a ânsia de esquecer e de se entregar ao seu próprio mundo emocional“. Poder-se-á assim afirmar que, relativamente aos textos asiáticos, na escritora se dá uma revalorização da habitual experiência da viagem, não existindo a pretensão de documentação exterior e de observação, verificando-se antes uma viagem para o seu interior, no sentido de um encontro consigo própria, em consequência do sentimento de perda de identidade pessoal e cultural (cf. Ueckmann, 2001:126s.).

O Médio Oriente tornar-se-á para a autora o lugar primeiro, o mais autêntico, no conflito consigo própria e com o Mundo, pois aqui, onde verdadeiramente começa a história cultural europeia, Annemarie celebrará o seu abandono da Europa. A fotojornalista não será apenas uma visitante, uma viajante, mas uma mulher que, no imenso e longínquo deserto da Pérsia, reflecte acerca do destino do seu Velho Continente em decadência e o lamenta. Mesmo nos seus escritos jornalísticos orientais

---

<sup>3</sup> Natascha Ueckmann (2001:119ss.) fala mesmo de “Genre-Montagen”, no respeitante à literatura de viagens de Schwarzenbach, pelo facto de entender este género de literatura na autora como híbrido.

transparece a sua dor mundial, o seu desenraizamento, o facto de se sentir estranha e perdida (cf. Georgiadou, 1998:125).<sup>4</sup>

Assim, através da percepção, essa realidade estranha revelar-se-ia, segundo Campanile (2001:94s.), como despedida, memória, sonho ou pré-existência e modificaria a nossa imagem do mundo. Citando o estudo histórico-cultural de Julia Kristeva acerca da experiência do estranho e da sua percepção, Campanile defende a pertinência de tal análise quando aplicada à obra de Annemarie, uma vez que nela o sentimento de estranheza se interrelaciona com a liberdade sem fronteiras que resulta da imensa solidão.<sup>5</sup>

A viagem pode, pois, entender-se em AS como o principal ímpeto de escrita, quer a acompanhemos por Paris e Berlim (1931-33), quer, após a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, pelos Pirenéus espanhóis, retratando bascos e ciganos, depois pelo Médio Oriente, até à América e África, para sempre retornar à sua amada Europa e, a espaços regulares, à sua pátria – Sils, na Suíça. Aí acabará por falecer prematuramente, em 1942, aos 34 anos, após uma fatídica queda de bicicleta – ironia trágica para um destino aventureiro, de errância nómada, por sítios inóspitos, desbravando novos espaços, como

---

<sup>4</sup>A obra oriental de Annemarie Schwarzenbach, indubitavelmente, não se enquadra *tout court* no conceito de “Orientalismo”, comumente referido e citado, nascido do crítico literário e historiador cultural palestino Edward Said. As reflexões de Said, por vezes polémicas, assentam na ideia de que, o mais tardar, a partir do século XIX, o Oriente passa a ser visto como o Outro, em sentido lato, para os ocidentais. O Oriental, ao ser descoberto, teria sido incompreendido e explorado pelo Ocidente. Said defendia que o viajante ocidental carregava consigo um modo de ver colonial que, inevitavelmente, transparecia nos seus textos. A expressão “orientalizing the Oriental” (Said, 1995:49), muitas vezes usada por Said, reflecte a imagem que o viajante ocidental pré-construiu do Oriental, baseada em estereótipos. O conceito de Said parte de uma série de clichés, segundo os quais o Oriente é entendido como um “topos” cultural “[Orient is] less a place than a topos” (1995:177), ou seja, o Oriente seria apreendido de forma estereotipada e superficial. Visto que, historicamente falando, o Oriente não fora capaz de se representar a si próprio, teria sido representado a partir de fora, do Ocidente. Esse Orientalismo, contudo, assentaria antes numa concepção textual do Oriente e não propriamente numa experiência real. Said fala ainda de uma dicotomia Ocidente-Oriente, entendendo com ela o tipo de relação do Ocidente com o Oriente baseada no colonialismo, racismo e imperialismo e assentando na concepção ocidental de superioridade na organização política, social, cultural e técnica. Partindo da história colonial europeia, Said liga estruturas do discurso a conceitos de hegemonia e desconstrói não apenas o que apelida de “point of view” tradicional, mas também o que se compreende habitualmente como centro e periferia. Nesta análise, segundo Ueckmann (2001:122), as construções ocidentais-orientais de Said, por um lado, baseiam-se numa analogia entre Orientalismo e Patriarcado, por outro, ignoram completamente a participação das mulheres naquilo que constitui a conceptualização oriental, o que se afigura redutor se pensarmos que o Oriente foi tradicionalmente entendido como um espaço feminino (o Oriente como um espaço interior fechado, nomeadamente como harém europeu). Para uma melhor compreensão do conceito de Orientalismo, consulte-se a obra de Edward W. Said: *Orientalism*. London:Penguin Books, 1995 (1ª. Ed. 1978).

<sup>5</sup>A este propósito, Julia Kristeva afirmou: “Livre de relações com os seus, o estranho sente-se ‘completamente livre’. No seu absolutismo esta liberdade acarreta indubitavelmente o nome de solidão.” (*Fremde sind wir uns selbst*, Frankfurt a. M., 1990:21 (original francês, Paris, 1988), *apud* Campanile, 2001:95.)

se de estações da vida se tratasse, como a própria autora o condensaria aliás no seu texto „A Estepe“: „A nossa vida assemelha-se à viagem [...] e, deste modo, a viagem parece-me ser menos uma aventura e uma excursão por sítios estranhos do que uma imagem concentrada da nossa existência.“ AS, 2008b:185).

A vocação de Schwarzenbach, tal como a da Europa, citando Eduardo Lourenço: „é a errância e [...] a errância manifestou[-se] sempre por um gosto *da disputa, da dúvida, da curiosidade* [...]. Errância: deriva no espaço, mas também no tempo, aventura espiritual sem fim [...] para buscar a verdade e verdade para preservar a liberdade.“ (1994:77).

Para Perret (2005:278), a crise existencial de Annemarie que se reflecte, por exemplo, no seu consumo exagerado de drogas, deve entender-se como espelho da própria situação de crise política, social e cultural vivida então pela Europa. Nesse âmbito, o interesse da autora pela cultura e civilização europeias levá-la-ia a pôr-se decididamente do lado da oposição antifascista, defendendo publicamente os seus amigos de esquerda Erika e Klaus Mann. Como Perret sublinha, havia nascido a jornalista politicamente empenhada, em declarado antagonismo à sua opulenta família ultra-conservadora e simpatizante do regime nazi, mas isso acarretaria também o nascimento da viajante fugitiva da Europa (*idem, ibidem*), em busca da verdade de si e da liberdade para si e para o outro.

Após as suas viagens ao Médio Oriente (entre 1933 e 1935), especialmente ao Irão (aonde se desloca três vezes) e a sua estada nos EUA em 1936-37, onde realiza foto-reportagens muito críticas face à miséria dos Estados de Sul, a escritora-jornalista centrará alguns textos na Europa, principalmente de 1937 a 1942. À medida que a fúria nacional-socialista se vai expandindo pelo continente europeu, o olhar e avoz da autora tornam-se muito mais acutilantes e políticos<sup>6</sup>. Por exemplo, em „Breves Encontros na Alemanha“, de 1937, a sua visão objectiva, documental, de pendor fotográfico evidencia-se particularmente quando, como jornalista, empresta a sua voz ao cidadão anónimo reprimido, acreditando que, de entre o povo alemão, nobres resistentes se insurgirão contra o domínio nazi: „Apesar da uniformização e repressão, estas vozes

---

<sup>6</sup> A sua posição ideológica de claro anti-nazismo e anti-fascismo revela-se em muitos escritos. A título exemplificativo, atente-se no excerto da seguinte carta de Annemarie a Klaus Mann, de 8.4.1933: “Evidentemente que a situação é assustadora em todos os aspectos, todas as afirmações do III Reich sem excepção são repugnantes e, segundo os sentimentos humanistas que cada um de nós nutre, completamente indignos do ser humano e profundamente contrários a qualquer conceito de cultura. [...] um indivíduo de formação espiritual mínima, ainda por cima Europeu, pertence indubitavelmente à Oposição.” [Trad. minha] (AS, 1998:101).

também se encontram presentes no III Reich e um dia erguer-se-ão de uma forma viva e eficaz.“ [trad. minha] (IE, 2008:110).

No seu artigo „Adiante rumo ao Ocidente“ (publicado a 25.5.40), fruto da sua viagem de Génova para os EUA a bordo do navio „Manhattan“, „a cidade italiana surge simultaneamente como metonímia e metáfora da própria Europa“ (Godinho, 2010:195). Assim, à medida que o navio se afastava na noite, o esmorecimento gradual das luzes amareladas da cidade representava simbolicamente o desaparecimento da paisagem e civilização europeias, mergulhando depois na maior das escuridões – a Europa como ilha perdida, metáfora afundada pela insanidade nazi, vagueando num espaço e tempo perdidos, numa imagética, curiosamente invertida, pois a autora revela-se a amarga espectadora a assistir impotente do navio ao afundar da ilha Europa (vd. Godinho, *id.*, *ibid.*): „[...] agora, quando se assistia ao afundar da escura e atormentada ilha Europa, cada um andava a pairar num espaço e tempo sem limites e sentia-se perdido.” (IE, 2008:232) [trad. minha].

Esta imagética do navio revela-se muito interessante, afigurando-se-me mesmo como uma espécie de *leitmotiv* que percorre tanto os artigos jornalísticos, como no presente caso, como a crítica de feição filosófico-literária. Neste âmbito, já em 1967, na sua célebre conferência, apenas publicada em 1984, intitulada: „De Outros Espaços“, Michel Foucault, definindo a nossa época como „a época do espaço“, distingue entre „utopias“ – espaços irrealis – e „heterotopias“ – espaços reais, espécies de utopias realizadas (vd. Foucault, 2005:3). A descrição das heterotopias passaria pela análise, a „leitura“ de espaços diferentes, de „lugares-outros“, salientando o autor vários princípios e funções das heterotopias. Uma das funções específicas das heterotopias consiste em criar um espaço ilusório, cujo papel não é o de criar uma mera ilusão, mas antes uma compensação. Ora, o navio como pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, existindo por si só, fechado sobre si mesmo, é a heterotopia por excelência, e, simultaneamente entregue à infinitude do mar, tem constituído, na nossa civilização, desde o século XVI, o maior instrumento de desenvolvimento económico e ainda o grande escape da imaginação (vd. Foucault, 2005:6).

Segundo Eduardo Lourenço, „a poucas *nações* se aplicaria tão bem, como a Portugal, a imagem „navio-nação“ e melhor ainda a de *nação-navio*, pela identidade de destino e o projecto que o encarnou, deslocando-se no espaço e no tempo“ (1994:14s.). Assim, o

facto de Portugal haver sido actor histórico privilegiado da aventura mundial europeia, com um „papel medianeiro e simbolicamente messiânico“, leva o país a um „mito interior“ feito de uma „euforia mítica“ (1994: 11).

A entrada ou saída de Annemarie de Portugal – quer de partida, quer de regresso, nas viagens ao Novo Continente e a África – é sempre efectuada por navio. Neste âmbito, a partida dos Portugueses nas suas caravelas e as suas conquistas, os Descobrimientos, no passado, ou o importante papel de Lisboa no presente, como porto de liberdade para os foragidos da Segunda Guerra, constitui o enquadramento identitário para a imagem que a fotojornalista veicula do povo e do espaço retratados.

Uma simbiose dos aspectos mencionados encontramos no artigo „Lisboa. Vida nova numa cidade antiga“, publicado no jornal suíço *Die Weltwoche*, de 19.3.1941:

Na grande sala de espera da Europa, estão sentados milhares de viajantes, uns sem papéis e sem direito de cidadania, outros sem dinheiro e quase todos sem uma autêntica esperança no futuro, aventureiros a contragosto, filhos empobrecidos e deserdados do nosso continente. A cidade do Infante Dom Henrique, da qual, como de um recife, foram outrora lançados ao Atlântico os pequenos veleiros dos intrépidos descobridores, é hoje o ponto mais extremo da Europa de onde se espraia o olhar para o Ocidente. (AS, 2004:45)

Como Vilas-Boas acentua (2004:17ss.), o papel de Lisboa, único porto livre europeu, é crucial para a Suíça, não só como fornecedor de matérias-primas, mas também como base para a marinha mercante, igualmente ligada às actividades humanistas da Cruz Vermelha. A imprensa suíça coeva sente um grande interesse por Portugal e publica artigos relacionados com a situação política, com o lado turístico de Portugal ou com as relações luso-helvéticas. Nesse âmbito, Annemarie redigiu três artigos sobre as actividades da Cruz Vermelha, em 1941 e 1942. Para além de escrever sobre os transportes terrestres e marítimos entre os dois países, a fotojornalista suíça também fotografou várias embarcações ostentando a bandeira suíça. Algumas dessas fotos, nomeadamente as que se referem ao aprovisionamento suíço no porto de Lisboa, foram publicadas em conjunto com os artigos a que se reportavam.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Vilas-Boas chama a atenção para o facto de, no Arquivo Literário de Berna, existirem mais de 50 negativos de navios e de actividades portuárias em Lisboa, além de muitas outras fotografias da capital portuguesa (cf. 2004:19).

No artigo „O abastecimento da Suíça através de Portugal“, publicado no *Neue Zürcher Zeitung*, de 23.3.1941, para além dos aspectos meramente factuais e informativos que se prendem directamente com o referido abastecimento, persiste o tema do país luso como *nação-navio*, no dizer de Eduardo Lourenço, e ainda o tema das duas Europas – a Central, desenvolvida, de onde provinha a autora, vs. a da periferia, da margem, „essa margem que nós [Portugueses] representamos por excelência“ (Lourenço, 1994:52)<sup>8</sup>:

Lisboa adquiriu uma relevância que nunca mais conhecera desde a era de Colombo e dos barcos americanos de ouro. Mas, de todos os países, nenhum está hoje tão dependente do porto de Lisboa quanto a Suíça, esta ilha neutral no coração do nosso fustigado continente. [...] Lisboa é uma cidade de invulgar encanto, senhora de um passado magnífico, mas há centenas de anos que vive uma existência parada e periférica. (AS, 2004:47-48)

Neste país parado, pacato, em claro contraste com a Europa convulsionada pela II Guerra e pelo furor nazi, Schwarzenbach nutre esperança de finalmente se enraizar, como correspondente de jornais suíços, na Lisboa tanto mais aprazível quanto, pese embora a ditadura de Salazar, Portugal aparecia aos olhos de muitos estrangeiros como o país europeu em paz, proporcionador da liberdade ansiada. Como salienta Vilas-Boas, “Annemarie Schwarzenbach refere várias vezes Lisboa [como] o porto de destino, uma placa giratória para tantos naquela época de fuga da Europa” (cf. 2004:12). Não nos espantará, pois, a existência de um certo idílio na linguagem desses textos (cf. V.-B., 2001:149), porquanto, nos seus percursos inquietos, Lisboa acolherá sempre Annemarie de braços abertos, como se percebe no artigo ”Regresso a Lisboa”, publicado no jornal *National-Zeitung*, de 4.6.1941, quando, advinda dos Estados Unidos, regressa à Europa e, avistando Lisboa, declara, num discurso emotivo, em que a antítese entre a escuridão europeia e a claridade viva e colorida portuguesa se encontra bem patente:

[...] Foi então que, passados dez dias agitados e sombrios de tempestade e escuridão, fui acolhida pela costa portuguesa e por Lisboa. A visão provocou-me um enternecimento

---

<sup>8</sup> Eduardo Lourenço refere a “divisão de *duas* Europas, a do centro e da margem”, vendo na primeira um “espaço de luz” e na segunda “um espaço de fantasmagoria”. Nós, Portugueses, seríamos os representantes da Europa da margem e ter-nos-íamos convertido numa “espécie de questão para a *outra* Europa, numa interrogação que nos tinha como objecto enquanto fenómeno incompreensível de atraso científico e alienação religiosa e social.” (Lourenço, 1994:52).

compreensível [...]. E a branca cidade de Lisboa, banhada em luz crepuscular, deveras resplandecente com as suas igrejas, telhados, monumentos, mercados, molhes e velhos palácios, erguia-se em socacos, desde a borda da água até à muralha ocre, recortada de ameias, do castelo mouro. Como me senti feliz, ao percorrer, pela primeira vez, as suas ruelas estreitas e íngremes, [...] ao distinguir rostos conhecidos num café situado numa praça barulhenta e animada, ao comprar um jornal suíço [...]. (AS, 2004:59)

A essa imagem positiva de Portugal também não será alheio o facto de Schwarzenbach ter sido recebida com todas as honras pelo embaixador suíço Henri Martin, que conhecera em Ancara, e a introduz nos sectores ministeriais portugueses. A visão parcial da sociedade portuguesa veiculada pela jovem jornalista corresponde à versão propagandística oficial do Estado Novo e encontra-se, por ex., em “Céu aberto sobre Lisboa” (*Thurgauer Zeitung*, 10.4.1941):

Portugal, um país litoral adormecido, separado da Europa por um renque de colinas relativamente modestas, cobertas de oliveiras e vinhas, [...] vive agora sob o regime democrático, mau grado autoritário e prudente, de Salazar, que não se pode designar por ‘ditador’, mas antes ‘alguém que, democraticamente, impede a ditadura.’ (AS, 2004: 53)

Muito claramente somos aqui remetidos para o tema das “duas” Europas: o denominado “adormecimento” português, espécie de torpor nacional, afastaria Portugal da Europa civilizada por assentar num ruralismo bucólico. Esta imagem de idílio português reflecte-se igualmente no olhar ambivalente que Schwarzenbach lança aos regimes ditatoriais europeus e ao “democrático” de Salazar. Tal posição compreende-se se se tiver em conta que os seus artigos foram encomendados pela embaixada suíça em Lisboa e revistos pela censura, assim como as fotografias lhe haviam sido facultadas pela máquina propagandística do Estado Novo (o Secretariado de Propaganda Nacional).

Encontramos, pois, na fotojornalista um olhar estereotipado do país, correspondente à imagem que o próprio Salazar e o Estado Novo pretendem difundir: a de um país “paraíso”, sem o flagelo da Guerra, orgulhosamente ostentando a bandeira de Portugal, símbolo de um povo de marinheiros, descobridores do Mundo. No mesmo artigo, Annemarie afirma:



Os portugueses – cruzados, católicos e descobridores, navegadores e comerciantes – foram os [...] fundadores do primeiro império e de uma *Commonwealth* [...] de inspiração cristã; aprenderam a nunca fazer a distinção entre as cruzadas contra os mouros, caçadores de ouro e jesuítas milionários e um outro império que abarca os povos do mundo inteiro e constitui, sem dúvida, a nossa única esperança para o futuro. (AS, 2004:51).

Tal como no discurso oficial português, não falta no próprio discurso de Schwarzenbach a visão profético-messiânica de Portugal, como único país capaz de fundar um novo império (quicá o V Império das fervorosas profecias do Padre António Vieira e de Fernando Pessoa no século XX...) (cf. Godinho, 2010:200).

Regressando de África, rumo à Europa, já em 1942, a escassos meses da sua morte, quando pensava anuir à proposta de Henri Martin de se estabelecer em Lisboa como correspondente de jornais helvéticos, discorre, mais uma vez, sobre a importante missão histórica de Portugal, que parece cumprir-se no desbravar de caminhos no passado e no despontar da esperança no futuro, sob a acção “humanista” de Salazar – temas, como vimos, recorrentes. O idílio bucólico que emprestou à capital e ao país lusos estende-se agora à ilha da Madeira, numa visão de “euforia mítica”, no sentido de Eduardo Lourenço. No seu artigo “Pequena viagem à volta do mundo sob a bandeira portuguesa. São Tomé e Madeira, duas ilhas portuguesas” (publicado no jornal *Luzerner Tagblatt*, de 8.8.1942), afirma:

A sabedoria, a coragem, a profunda visão humana de um Salazar demonstraram que a reorganização da vida dos povos europeus [...] não tem necessariamente que oferecer o espectáculo desanimador da destruição, da revolução social e da guerra, mas apela a uma reflexão profunda e pode significar uma renovação, um fortalecimento. [...] o que lhe [a Portugal] ficou do seu império colonial não foi apenas um património [...], mas o sobreviver aos tempos de decadência como testemunho e expressão materializada do legado espiritual duma nação de pescadores, pastores, navegantes, reis cristãos e cruzados. [...] Voltámos a fundear no porto do Funchal, na encantadora e portuguesa ilha da Madeira.

[...] chegou a vez de vermos, envolta numa luz de maravilha, quente e dourada, a ilha da Madeira a emergir do mar, era ainda manhã cedo. E eu saudei os conventos e igrejas, que se alcandoram montanha acima [...] – os socalcos suaves, os jardins floridos, as

alamedas, as frescas adegas, o brilho aveludado dos campos e das matas, os artesãos, as bordadeiras, os camponeses, os miúdos da pesca. O lento descer da tarde amena que parecia trazer consigo bênçãos celestes à tranquila ondulação do mar, ao respirar da terra quente, aos cantos e guitarradas...(AS, 2004:89-91)

Portugal, continental e insular, vive assim, nos tempos incertos da II Guerra Mundial, num idílio ímpar assente no passado e na esperança do futuro – entre fados e guitarradas – ou seja, fora do tempo, *nação-navio* vagando entre o sol e o mar, num onirismo acentuado, dando razão a Foucault (vd. 2005:6): “Em civilizações sem barcos, esgotam-se os sonhos...”

A imagem de „euforia mítica“ que o Portugal salazarista pretende propagar de si próprio como „nação *eminente*, governada com sucesso, com a sua dimensão imperial *imaginária* [...], parecia justificar a ideologia cultural, inspirada no passado mais glorioso da nação [...].“ (cf. Lourenço, 1994:21s.).

Pascal dizia que já nascemos *embarcados* (apud Lourenço, 1994:14). Annemarie Schwarzenbach nasceu e viveu *embarcada*. A sua busca de identidade pessoal e europeia trouxe-a à vivência do espaço-tempo português, à *nação-navio*, onde „encontrou essa memória europeia, que fez com que não se sentisse como uma estranha“ (cf. V-B., 2001:156) – a Portugal, que se comportava „como se tivesse nascido – e assim o imaginavam os seus cronistas e poetas – sob o olhar de Deus, como imune à tempestade da História“ (Lourenço, 1994:15). A jovem fotojornalista suíça também acreditava na bonomia do mar português, mas quis o seu destino trágico que da vida só experimentasse o desassossego.

## Bibliografia

CAMPANILE, Anna, (2001): “Mit einem Blick, der von weither zu kommen scheint”. Die Fremdwahrnehmung im Werk Annemarie Schwarzenbachs”, in Elvira Willems (ed.): *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotografin*, Pfaffenweiler: Centaurus, 2. Aufl., 93-105.

FÄHNDEERS, Walter/ROHLF, Sabine, (2008) (ed.): *Annemarie Schwarzenbach, Analysen und Erstdrucke*, Bielefeld: Aisthesis Verlag.

FOUCAULT, Michel, (2005): “De outros espaços”, trad. Pedro Moura em [www.virose.pt/vector/periferia/foucault\\_pt.html](http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html) (acedido a 20.01.2011).

GEORGIADOU, Areti, (1998): *Das Leben zerfetzt sich mir in tausend Stücke*”. *Annemarie Schwarzenbach. Eine Biographie*, Frankfurt/New York: Campus.

GODINHO, Maria de Lurdes das Neves, (2010): “Annemarie Schwarzenbach – sua relação ambivalente com a Europa” in Gonçalo Vilas-Boas (Org.): *Annemarie Schwarzenbach. Uma viajante pela palavra e pela imagem*, Porto: Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP).

HEINTZ-GRESSER, Anne-Marie, (2001): “Annemarie Schwarzenbach als Thomas-Mann Gestalt: Analyse des Romans *Freunde um Bernhard*”, in Elvira Willems (Hgg.): *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotografin*, Pfaffenweiler: Centaurus, 2. Aufl., 79-92.

LOURENÇO, Eduardo, (1994): *Nós e a Europa ou as duas razões*, temas portugueses, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

PERRET, Roger, (2005): “Nachwort: ‘Im Netz der Schicksalswege’ Annemarie Schwarzenbach im Banne von Familie, Flucht und Politik”, in: Annemarie Schwarzenbach, *Insel Europa. Reportagen und Feuilletons 1930-1942*, Basel: Lenos Verlag, 277-287.

\_\_\_\_\_ (2001): “Mut und Angst” in Elvira Willems (Hgg.): *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotografin*, Pfaffenweiler: Centaurus, 2. Aufl., 11-18.

\_\_\_\_\_ (1995): “Nachwort – Persien oder die ‘himmelweite, weltumspannende Fremde’”, in Annemarie Schwarzenbach: *Tod in Persien*, Basel: Lenos Verlag, 125-141.

ROHLF, Sabine, (2008): “*Flucht nach oben* von Annemarie Schwarzenbach, in Walter Fähnders/Sabina Rohlf (ed.): *Annemarie Schwarzenbach. Analysen und Erstdrucke*, Bielefeld: Aisthesis, 79-98.

SAID, Edward, (1995 [1ª. ed. 1978]): *Orientalism*, London: Penguin Books.

SCHWARZENBACH, Annemarie, (2008): *Insel Europa. Reportagen und Feuilletons 1930-1942*, Basel: Lenos Verlag (Sigla IE).

\_\_\_\_\_ (2008b): “A Estepe”, in *Cadernos de Literatura Comparada* 18-6/2008, trad. Andreia Silva e Catarina Ramos, rev. Teresa Oliveira, 185-189, Porto: edições Afrontamento.

\_\_\_\_\_ (2004): *Annemarie Schwarzenbach em Portugal (1941, 1942), Textos de Annemarie Schwarzenbach sobre Portugal*, Gonçalo Vilas-Boas (introd./coord.), trad. Maria Antónia Amarante, cadernos do cieq n.º 11, Coimbra: CIEG.

\_\_\_\_\_ (1998): “*Wir werden es schon zuwege bringen, das Leben*”. *Annemarie Schwarzenbach an Erika und Klaus Mann. Briefe 1930-1942*, Uta Fleischmann (ed.), Centaurus: Pfaffenweiler.

\_\_\_\_\_ (1995): *Auf der Schattenseite*, Regina Dieterle/Roger Perret (ed.), Basel: Lenos Verlag.

UECKMANN, Natascha, (2001): “Annemarie Schwarzenbach: Ethnographin ihrer eigenen Kultur und Psychographin ihrer selbst”, in Elvira Willems (ed.): *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – FotografIn*, Pfaffenweiler: Centaurus, 2. Aufl., 119-136.

VILAS-BOAS, Gonçalo, (2008): “Da muss sich das Herz sammeln, das Wesen sich straffen”. *Annemarie Schwarzenbachs Feuilletons 1941-1942*, in Walter Fähnders/Sabina Rohlf (ed.): *Annemarie Schwarzenbach, Analysen und Erstdrucke*, Bielefeld: Aisthesis Verlag, 153-167.

\_\_\_\_\_ (2004): “Um olhar Suíço sobre Portugal. Annemarie Schwarzenbach em Lisboa em 1941 e 1942”, in Gonçalo Vilas-Boas (intr./coord.): *Annemarie Schwarzenbach em Portugal (1941, 1942). Textos de Annemarie Schwarzenbach sobre Portugal*, trad. Maria Antónia Amarante, cadernos do cieq, nº 11, Coimbra: CIEG 9-39.

\_\_\_\_\_ (2003): “Um olhar pela palavra. Os relatos de viagens de Annemarie Schwarzenbach pelo Médio Oriente”, in Gonçalo Vilas-Boas (coord.): *Representações do Mundo na Literatura Suíça do Século XX*, cadernos do cieq, nº 9, Coimbra: CIEG, 19-34.

\_\_\_\_\_ (2001): “‘Céu aberto sobre Lisboa’. A escritora Annemarie Schwarzenbach em Portugal em 1941 e 1942” *Estudos/Studien/Studies. Revista da Faculdade de Letras*, Vol. I, Porto, 149-162.









